

JOANNA TROLLOPE

NOITES DE SEXTA-FEIRA

Tradução de Natália Fortunato

Capítulo 1

A mãe de Toby disse-lhe que, quando Eleanor chegasse, ele teria de ir ao rés-do-chão ajudá-la com o elevador.

Toby respondeu-lhe com maus modos, pois estava zangado com a mãe por um motivo que ele próprio não conseguia determinar:

– Ela não precisa de ajuda.

A mãe estava no quarto, de pé, diante do espelho que colocara sobre a cómoda, a prender o cabelo num penteado complicado.

– Toby, isto não tem a ver com precisar ou não de ajuda, mas com boas maneiras.

Toby bateu os tacões, saiu do quarto, fechou a porta atrás de si e encostou-se a ela. Era uma das poucas portas que existiam no apartamento. Só havia aquela, a da entrada e a da casa de banho. O resto era um espaço aberto.

«Eu vivo num *loft*», dissera Toby aos colegas quando começara a frequentar a nova escola. Alguns deles lançaram-lhe um olhar céptico e responderam «Pois claro» com um desinteresse fingido. «A sério. Foi o meu pai que o comprou», repetira Toby para si mesmo ao longo desse dia.

E fora mesmo. Comprara o *loft* dois anos antes e oferecera-o a Paula e a Toby.

«É o preço do peso da consciência», dissera Lindsay, a amiga da mãe. Paula nem lhe respondera. Pusera a fotografia do pai de Toby sobre a arca preta de *rattan* que se encontrava entre duas

enormes janelas. Era uma fotografia tirada num barco, e o pai de Toby, descalço e sentado sobre o tejadilho da cabina, ria-se. No entanto, na fotografia não apareciam a mulher, nem as filhas, que eram, Toby bem o sabia, o motivo pelo qual ele e a mãe viviam sozinhos no *loft*. «Ao menos sabes quem é o teu pai», costumava dizer Paula a Toby.

Toby não fazia a menor ideia do que a mãe queria dizer com aquilo. E é claro que nem lhe ia perguntar. Às vezes, quando ficava sozinho no apartamento, enquanto Paula ia à rua comprar o jornal ou buscar a roupa à lavandaria, pegava na fotografia do pai e virava-a para baixo sobre a arca preta de *rattan*. «Deixa-te ficar assim, Gavin», pensava. «Faz o que te mandam.»

Suspirou. Queria voltar ao quarto da mãe, mas isso tornara-se impossível. Tornou a suspirar. Na crescente penumbra, o *loft* parecia enorme, como se as paredes e o tecto se estivessem a dissolver serenamente na escuridão, a desfazerem-se para que a noite pudesse entrar. Paula acendera vários candeeiros na zona da sala de estar e a luz derramava-se sobre as almofadas alaranjadas e o tapete de riscas a imitar pele de zebra. Também tinha colocado copos de vinho e taças com bolachinhas de arroz japonesas em cima da mesa de centro porque iriam receber visitas. Eleanor estava a chegar.

Toby afastou-se da porta e levantou-se. Gostava de Eleanor. O seu cabelo era branco e fofo, caminhava num passo desigual, com a ajuda de uma bengala, e falava com Toby como se ele tivesse alguma opinião que merecesse a pena ser ouvida. Também gostava do modo como o comportamento da mãe se alterava na presença da amiga. Nessas ocasiões, Paula tornava-se numa mulher alegre e serena. Certa vez, Eleanor confessara a Toby que quanto mais velha se tornava mais preferia o que era universal ao que era individual e pessoal. Toby ficara a pensar se ela estaria a falar das galáxias.

Atravessou lentamente a sala, evitando, como era habitual, pisar o tapete de zebra. Ao fundo, uma escadaria metálica de degraus perfurados erguia-se do meio da penumbra até à plataforma onde se encontrava a cama de Toby, o computador e o teatro de fantoches para o qual ele colecionava bonecos. Subiu a escada devagar, galgando deliberadamente um degrau de cada vez,

até sair do brilho dos candeeiros e penetrar na privacidade da escuridão. Sentou-se então no último degrau, dobrou-se sobre si mesmo, até ficar com o queixo entre os joelhos, e tornou a suspirar. Noites de sexta-feira.

Fora Eleanor quem iniciara estas noites de sexta-feira alguns anos antes; da janela da sala de estar, observara as contínuas caminhadas, para cima e para baixo, naquela rua de prédios baixos em Fulham, de duas jovens mulheres. Uma tinha um bebé e a outra, um rapazinho. Nunca estavam juntas e, tanto quanto Eleanor pudera ver, nunca estavam acompanhadas por um homem.

A própria Eleanor raramente estivera na companhia de um homem, mas também nunca tivera filhos. Ao observar aquelas raparigas, vira o mesmo que tantas outras vezes durante os seus anos de serviço como administradora do Serviço Nacional de Saúde – manifestações dos mecanismos de sobrevivência accionados espontaneamente por todas as mulheres que se preocupavam em não serem lamentadas por estarem sozinhas. Eleanor sabia que viver sozinha não era de todo desagradável; de facto, as circunstâncias da solidão é que a transformavam em amiga ou inimiga. E viver sozinha com uma criança a seu cargo, e portanto numa situação considerada pelos padrões convencionais algo que deveria ser de responsabilidade conjunta, não era aconselhável a pessoas de coração fraco. Por vezes, pensava Eleanor, ao observá-las por cima dos seus óculos de leitura, a posição dos ombros daquelas raparigas dizia-lhe que, apesar da manifestação exterior de força que tentavam demonstrar, os seus corações estavam na verdade muito fracos.

Um dia, ao vê-las aproximarem-se uma da outra, vindas dos extremos opostos da rua, saíra a coxear com a sua bengala para o cortante vento primaveril e oferecera-se para tomar conta das suas crianças. Ambas tinham ficado extremamente surpreendidas e haviam levantado objecções. A rapariga com o bebé dissera-lhe que não se podia separar dele. A jovem com o rapazinho dissera-lhe que não tinha dinheiro. Eleanor respondera que não queria dinheiro e a jovem, com um certo desespero, retorquira que não podia impor semelhante obrigação.

Eleanor apoiara-se na sua bengala, tirara os óculos de leitura e deixara-os pender do pescoço pelo cordão escarlate com que os prendera na esperança de não os perder.

– Então, façam-me *vocês* um favor.

A expressão nos rostos das raparigas era um misto de curiosidade e estupefacção.

– Permitam-me que seja eu quem vos fique a dever isso. Venham visitar-me. Tragam as crianças. Venham na sexta-feira à noite.

Elas foram, apesar do seu embaraço. O bebé estava a dormir no respectivo carrinho e Toby, quase com três anos de idade, enroscou-se no sofá por baixo de uma manta tricotada e entreteve-se a enfiar os dedos nos buraquinhos. Eleanor abriu uma garrafa de Chianti e encheu três copos. Com alguma dificuldade e uma boa dose de paciência, ficou a saber que Paula, a mãe de Toby, por alguma razão não podia viver com o pai do filho, e que Lindsay, a mãe do bebé Noah, ficara viúva quando o marido, operário da construção civil, fora esmagado por uma laje de cimento.

– Foi há um ano e três meses. Eu nem sequer sabia que estava grávida.

– Ninguém deveria ter de suportar uma coisa dessas – lamentou Eleanor.

– Eu não estou a suportá-la – apressou-se a dizer Lindsay com o olhar fixo no filho.

Elas não pareciam saber como se haviam de comportar, nem quando se deviam ir embora. Às dez da noite, Eleanor erguera-se com vivacidade do seu assento e dissera-lhes que, lamentavelmente, estava na hora de se ir deitar. Despediram-se da anfitriã com timidez. Eleanor, dando início ao ritual nocturno dos fechos, dos ferrolhos e das trancas, perguntou-se com que frequência uma boa intenção nos é arrancada das mãos pela conduta humana e transformada em algo muito maior e muito mais difícil de gerir. Depois, contemplou-se desapaixonadamente no espelho embutido no bengaleiro *art-déco* do seu corredor.

– Persevera. Não desistas.

Três sextas-feiras depois, as jovens regressaram. Eleanor encontrara Lindsay na banca de jornais da esquina e Paula a consolar

Toby, que caíra do carrinho, enquanto se debatia por se libertar do cinto de segurança. Elas não tinham aceitado o convite com grande entusiasmo, mas também não o recusaram. Eleanor fez *pâté*, comprou pão francês, chocolate e pacotinhos de sumo para Toby. Lindsay trouxe meia dúzia de crisântemos cor de malva, embrulhados em papel celofane com um padrão rendilhado. Toby saiu de debaixo da manta tricotada, sentou-se no colo da mãe e estudou o cabelo de Eleanor enquanto bebia o sumo.

Ficaram até às dez e um quarto, e Paula conseguiu encarar Eleanor durante alguns segundos e dizer-lhe com uma certa insegurança:

– Foi muito simpático da sua parte ter-nos convidado.

Eleanor tirou os óculos.

– Se a simpatia não for somente uma forma de amor-próprio, muito obrigada.

Algumas semanas depois, Lindsay, fixando um ponto situado para além da orelha esquerda de Eleanor, perguntara-lhe se poderia trazer a sua irmã mais nova. O pedido viera embrulhado numa explicação longa e confusa sobre a incapacidade dos pais de Lindsay para garantirem um bom acompanhamento e como isso tornara Lindsay na única pessoa da vida da irmã capaz de lhe propiciar alguns cuidados maternos. Era uma tarefa que lhe causava muita ansiedade, deixara Lindsay entrever, já que a irmã parecia haver herdado dos pais o gosto por uma vida estouvada e irresponsável. Trabalhava num discoteca em Ladbroke Grove como DJ júnior, alguns dias por semana, e Lindsay andava preocupada com o modo como ela ocupava o seu tempo livre.

– Como é que ela se chama? – perguntou Eleanor.

– Julia – respondeu Lindsay.

«Jules», dissera Jules, quando chegara. Tinha o cabelo pintado às riscas vermelhas e amarelas e trazia um vestido florido por cima de umas *leggings* pretas e de umas pesadas botas de atacadores. Usava um *bâton* púrpura. Toby desviara o olhar do cabelo de Eleanor para o de Jules. Ela devolvera-lhe o olhar e as suas mãos de unhas roídas envolveram uma caneca de chá, a única coisa que

ela bebia. Não falara com ninguém a não ser para dizer, com os olhos a deambular pela curiosa sala de estar de Eleanor:

– Que sala tão fixe.

Lindsay voltara a casa de Eleanor na manhã seguinte. Trazia na mão um cíclame, num vaso de plástico.

– É um pouco estranho – desculpou-se.

Eleanor sorriu para Noah, deitado no seu carrinho, com um gorro de malha amarela que lhe fazia lembrar um ovo dentro de um abafador.

– O quê?

– A Jules. Bem, a Jules vive num mundo onde não existem as expressões «se faz favor» e «muito obrigado».

– Estou habituada a isso.

– Eu não queria que ficasse a pensar...

– Não fiquei.

Lindsay estendeu-lhe o cíclame.

– Por favor...

Eleanor transferiu a bengala de uma mão para a outra.

– Eu gosto de cíclames, mas não preciso que me peça desculpa.

Noah, no carrinho, palavra alegremente e Lindsay olhou para ele.

– A Jules nunca lhe presta atenção nenhuma. É como se nem sequer o visse.

Eleanor tirou o cíclame das mãos de Lindsay.

– É claro que o vê. Muito obrigada pelo presente.

– Julgo que ela não voltará...

– É o mais certo.

– Desculpe...

– Sabe, hoje em dia já só me preocupo com as coisas importantes.

Quase dois meses depois, Jules aparecera de novo. Trazia um top de *chiffon* cor-de-rosa, um colete de couro e uma minissaia por cima dos *jeans*. Atirara um embrulho na direcção de Eleanor e fora para a cozinha fazer chá, sem dizer uma palavra. Envolto em papel de jornal, Eleanor descobrira um espelho de mão já antigo, feito de *papier mâché* preto com embutidos em madreperola.

– Muito obrigada. Fico muito sensibilizada – agradeceu, mirando-se no espelho manchado.

Jules encolheu os ombros. Olhou ao redor da cozinha decididamente pouco moderna de Eleanor.

– Tá-se – disse em jeito de aprovação.

Fora nessa mesma noite que Toby deslizara do colo de Paula e se fora postar a meio metro de Jules para a poder examinar devidamente. Fora nessa mesma noite que Eleanor descrevera a sua infância e lhes contara como crescera numa casa de paredes de tijolo vermelho na zona sul de Munster Road. Do seu quarto avistava-se a linha do comboio e o seu mundo fora linear, definido pela carreira de autocarros número 14, com a escola, em Putney, numa das pontas e raros vislumbres da ofuscante vida de Piccadilly na outra. Fora nessa noite que Lindsay perdera as estribeiras de um momento para outro e que Jules fugira para as escadas, onde Eleanor a encontrara a bater com a cabeça na parede enquanto entoava «Merda, merda, merda» como um mantra. Fora também a noite em que, ao acompanhá-las da porta da frente até ao passeio, Eleanor vira a vizinha de duas casas mais adiante, uma mulher bem-parecida, invariavelmente vestida com um fato saia-casaco, deter-se a meio do acto de abrir a porta de casa para as olhar com imensa curiosidade. Eleanor acenara-lhe com a cabeça e a mulher oferecera-lhe um sorriso irresoluto.

– Quem é ela? – perguntou Paula.

– Creio que é uma tal Miss Campell.

– Chiu. Ela pode ouvir-vos – advertiu Lindsay.

Miss Campbell abriu a porta de casa.

– Pode mesmo – disse, antes de entrar.

A porta fechou-se. Jules estava postada no meio do passeio, com os dedos metidos na boca.

– Convide-a também.

– Julgo que Miss Campbell não tem falta de vida social – respondeu Eleanor.

– Aposto que não consegue – desafiou Jules.

Blaise Campbell apareceu algumas sextas-feiras depois, com uma garrafa de Riesling e um ramo de violetas. Noah queixava-se

dentro do seu carrinho e Toby levava a manta tricotada para debaixo da mesa e deitara-se com o polegar enfiado na boca e a mão livre a segurar o pé da mãe. Lindsay e Paula viram Blaise entrar na sala de estar de Eleanor como se estivesse a embarcar nas ignotas provas de um rito iniciático.

– Não estamos acostumadas a vinho tão bom como este – disse Eleanor. – Muito obrigada.

Blaise levantou a mão num gesto depreciativo. Talvez tivesse os seus trinta e cinco anos, pensou Paula, talvez fosse mais velha. Tinha a postura de alguém mais velho, mas isso poderia dever-se ao facto de ser advogada ou contabilista, ou uma dessas profissionais que têm de aparentar mais idade do que aquela que realmente têm, para parecer que sabem o que estão a fazer. Viu-a contornar o pé de Toby, enfiado numa peúga azul e vermelha, e sentar-se numa cadeira com o esmero de alguém habituado a fazer isso em público. Paula estudou-lhe as mãos. Bem tratadas. Sem anéis. Tinha-as apoiado em cima da mesa, fechadas, como se estivesse numa reunião. Talvez também estivesse habituada a reuniões.

– Foi muito amável da sua parte ter-me convidado – disse Blaise. Eleanor sorriu-lhe.

– Eu pensava que iria recusar o convite.

– Oh, não.

A voz de Noah elevou-se num pranto.

– Ele está com fome – desculpou-se Lindsay. – Está sempre com fome.

– Que idade tem? – perguntou Blaise educadamente.

– Oito meses.

Debaixo da mesa, a mão de Toby largou o pé da mãe e caminhou sobre o chão, à laia de caranguejo, até alcançar um dos sapatos de pele autêntica de Blaise. A mão considerou por um instante o couro, testando-o com algumas pancadinhas, e depois trepou pelo pé de Blaise e apertou-lhe o tornozelo.

– Ai! – queixou-se Blaise, arregalando os olhos.

Paula espreitou para debaixo da mesa.

– Pára com isso.

Toby, com o polegar ainda enfiado na boca, não lhe prestou atenção.

– Larga! – ordenou Paula.

– Eu não me importo... – disse Blaise.

– Ai não?

– Não.

Paula recostou-se. Era mais um pequeno teste.

– Bem, nesse caso...

Blaise pigarreou e olhou para as mulheres na sala. Paula tentou captar o olhar de Lindsay, para lhe dizer: «Ela pensa que está numa reunião!»

– Eu não deveria perguntar isto – titubeou Blaise –, especialmente na minha primeira visita, mas... pode-se convidar mais alguém?

Eleanor pousou sobre a mesa um conjunto de antiquados copos de vinho branco com pé verde.

– Desde que haja bom senso.

– É que eu tenho uma amiga, quero dizer, uma colega, que ficou cheia de inveja quando lhe contei aonde iria hoje à noite. Queixa-se de ter poucas oportunidades para se relacionar com mulheres, porque nunca tem tempo. – Fez uma breve pausa, estudando os rostos que a observavam, e depois elevou ligeiramente o tom de voz: – Ela é o ganha-pão da casa, percebem? O marido dela é artista. Têm duas filhas pequenas. E ela fez-me prometer que vos perguntava.

As restantes mulheres permaneceram em silêncio. Eleanor puxou para si a garrafa e Toby deixou a mão deslizar do tornozelo para o sapato de Blaise. Pouco depois, Eleanor sacou a rolha da garrafa e olhou para Blaise, que fitava Lindsay, que por sua vez observava Noah.

– Traga-a – disse, por fim. – Porque não?